

História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão.

Inês Aguiar de Freitas¹

Resumo

As relações entre natureza, cultura, sociedade e meio ambiente sempre foram objeto de investigação de diversos ramos do saber. Estes temas encontram agora um “novo” caminho que interessa de perto à geografia: aquele proposto pela História Ambiental, uma disciplina recente que considera a natureza um agente na história do homem. Temos sentido, em muitos interessados nos temas acima, certa dificuldade no que tange as questões relacionadas à história ambiental e suas relações com a geografia. Assim, um de nossos objetivos aqui será tratar da definição, dos níveis de pesquisa e dos temas da História Ambiental, focando uma questão fundamental que liga esta disciplina à geografia: sua interdisciplinaridade. Também será nosso objetivo deixar claras as condições de um diálogo entre a Geografia e a História Ambiental, destacando a contribuição desta com os geógrafos em uma tarefa própria da geografia: dar sentido ao ato de pensarmos, estudarmos e agirmos sobre a natureza.

Palavras-chave: Metodologia da geografia; natureza; memória; cultura; interdisciplinaridade.

Environmental History and Geography: Nature and Culture in interconexion.

Abstract

Relations between nature, culture, society and the environment have always been the object of research in various branches of knowledge. These issues have now a "new" way that matters closely to the geography: that one proposed by the Environmental History, a new discipline that considers the nature an important actor in the history of man. We can identify in many works developed in the topics above, certain difficulties in terms issues related to the environmental history and its relations with geography. So one of our goals here will deal with the definition, the level of research and the themes of Environmental History, focusing on a key issue that binds this discipline to geography: its interdisciplinarity. It will also be our goal to establish conditions for a dialogue between the Environmental History and Geography, highlighting the contribution of the Historians in a task of geography: making sense in the act of think, study and look the nature.

Keywords: Methodology of geography; nature; memory; culture; interdisciplinarity.

1 - Introdução

As relações entre natureza, cultura, sociedade e meio ambiente têm sido objeto de estudo de diversos ramos do saber, desde a Antigüidade. No entanto, este tema encontra agora um “novo” caminho que interessa de perto à geografia: aquele proposto pela História Ambiental, uma disciplina recente que considera a natureza um agente na história do homem. Este ramo da história trabalha em três diferentes níveis: o entendimento da natureza propriamente dita; a análise do domínio sócio-econômico; e a apreensão de percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação que ligam um indivíduo ou um grupo à natureza, conduzindo também suas ações sobre o mundo físico.

Temos, nos últimos tempos, nos dedicado a estudos em História Ambiental, principalmente na busca de uma interface dessa disciplina com a Geografia. Nesta linha de pesquisa temos recebido vários alunos da graduação e, mais freqüentemente, de cursos de pós-graduação, interessados em desenvolver estudos nesta área. Porém, na maioria das vezes, sentimos neles uma certa dificuldade, no que tange as questões relacionadas à história ambiental e suas relações com a geografia. Da mesma forma, surgem dúvidas nos trabalhos relacionando paisagem e memória, natureza e cultura e o quanto de “história ambiental” pode ali estar envolvido. Por isso, sentimo-nos à vontade para tratar aqui das bases teórico-conceituais da História Ambiental e de uma questão fundamental: sua interdisciplinaridade - fator que permite um rico e intenso diálogo com a Geografia (seja ela "física" ou "humana") (Freitas, 2002a, 2002b, 2002c).

Enfim, é nosso objetivo principal, aqui, criar condições para o estabelecimento de um diálogo entre a Geografia e a História Ambiental, crendo que esta muito tem a contribuir com os geógrafos em uma tarefa e tradição própria da geografia: dar sentido ao ato de pensarmos, estudarmos e agirmos sobre a natureza.

2 - A Geografia e uma nova interdisciplinaridade

Um dos temas fundadores da Geografia (ou do saber geográfico, antes mesmo de sua institucionalização como ciência ou disciplina acadêmica) é aquele que aborda as relações entre **natureza** e **cultura** (Glacken, 1990). Tais preocupações têm origem na Antigüidade, passando por todos os momentos da história desde então, chegando aos nossos dias, quando, entre outras coisas, buscamos nessa relação as respostas mais urgentes para a compreensão de nossa (des)organização espacial e a busca de soluções para os problemas ambientais que hoje enfrentamos. Enfim, tal temática nunca abandonou geógrafos e também estudiosos de outras áreas.

Ao longo de toda a história da geografia, a análise da organização espacial tem se dado através de uma prática interdisciplinar. E, se hoje, as mais recentes propostas e pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento têm se orientado no mesmo sentido de uma interdisciplinaridade, esta, no entanto, não deve ser compreendida como um conjunto, muitas vezes desarticulado, de diferentes disciplinas, onde se tenta fundir métodos, objetos, técnicas e abordagens diversas. Tal interdisciplinaridade estaria, sim, fundamentada no *princípio da complexidade*.

No contexto desse novo paradigma, a interdisciplinaridade surge como parte da proposta de se criar um intercâmbio, uma "cooperação" entre diversas disciplinas, em busca da construção de projetos com base em objetos de conhecimento transdisciplinares. Alerta-nos Morin (2001, p.13) que, no quadro atual de nossa ciência moderna

...há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Assim, acredita o autor que as "ciências da terra", entre as quais dá destaque à Geografia, contribuem para a elaboração de um cenário diferente, acreditando que

o desenvolvimento das ciências da Terra e da Ecologia revitalizam a Geografia, ciência complexa por princípio, uma vez que abrange a física terrestre, a biosfera e as implantações humanas. ... A Geografia... desenvolve seus pseudópodes geopolíticos e reassume sua vocação originária...

segundo o autor, generalizadora... (Morin, 2001, p. 28-29).

Assim, a Geografia, com seu "objeto multidimensional" - o espaço geográfico -, ainda segundo Morin, estaria apta a fazer parte dessa nova interdisciplinaridade, apoiada na proposta de "ecologizar as disciplinas", associando-as a uma "metadisciplina" (entendida como "algo que vai além da disciplina", onde a Geografia se visse como parte de um todo complexo. Conhecimento distinto, sim, mas não isolado das outras partes e do todo (Cavalcanti, 2002, p. 127).

É dentro desse quadro de renovação de paradigmas que vislumbramos a possibilidade de dar início a uma "interconexão" (para utilizarmos o termo tão caro aos físicos teóricos) entre a Geografia e a História Ambiental, sempre perseguindo as propostas de construção de uma nova e verdadeira interdisciplinaridade.

Creemos que a História Ambiental apresenta muitos pontos de interesse comum com a nossa ciência e vice-versa e que, sendo assim, os geógrafos não podem deixar de estar atentos às propostas que os historiadores ambientais trazem para o campo das idéias sobre as relações entre natureza e sociedade. Não podem também deixar de dar sua contribuição a essa nova disciplina. E, principalmente, devemos reconhecer que, ao longo da história da geografia, nossos autores foram pioneiros no ato de recorrer a objetos e formas de abordagem típicos de uma "história ambiental", estabelecendo alguma forma de conexão entre as duas disciplinas.

Como dito acima, o principal objetivo deste texto é estabelecer o debate da geografia com a história ambiental, a fim de que possamos contribuir, cada vez mais, para a compreensão (e solução) de problemas cujas características nos permitem apontá-los como "ecológicos", "sistêmicos", "holísticos", ou

"metadisciplinares", no sentido conferido a esses termos por autores como Capra e Morin, entre outros.

Se o paradigma da ciência moderna fazia fundamental que todo campo do conhecimento tivesse seus limites bem traçados, que fosse bem conhecida a natureza de suas preocupações, que tivesse seus objetivos bem definidos e que, ao se fundar, toda ciência pudesse estar trazendo uma nova e real contribuição para a compreensão do mundo em que vivemos, os novos paradigmas, que apontam para uma ciência sistêmica, dificultam ou tornam quase impossível o respeito a tais limites e imposições.

Assim, se por um lado, a história ambiental nasce da história, apoiando-se nos métodos e em alguns conceitos dessa disciplina, por outro, devemos destacar que é uma das primeiras vezes em que historiadores assumem para si a tarefa de construir um ramo do saber baseado na interdisciplinaridade e que é esta característica que permitirá abrir espaço para um grande diálogo com a geografia.

3 - O que é História Ambiental?

É um campo do conhecimento que vem sendo construído há cerca de quinze anos, ligando a história natural à história social. A proposta básica dos criadores da História Ambiental é (coincidindo com aquilo que os geógrafos postulam há tanto tempo) tornar possível a construção de uma história interessada em tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana (Worster, 1991, p.199).

A história ambiental é, assim, uma disciplina relativamente nova, praticada principalmente nos EUA, na Austrália e em alguns outros países de língua inglesa, nascida do interesse e dos trabalhos de pesquisa de uma pequena comunidade acadêmica, formada basicamente por historiadores e biólogos, vindos de diferentes temas e especialidades.

Drummond (1997), um dos primeiros divulgadores da história ambiental no Brasil, nos indica alguns nomes constituintes do grupo de trabalho em história ambiental nos Estados Unidos. Seriam eles: William Cronon, Donald Worster,

Richard White, Stephen Pyne, Warren Dean, Alfred Crosby, Joseph Petulla, Frederick Turner, Roderick Nash, Samuel Hays, Richard Tucker, entre outros. O grupo, que possui uma associação profissional – a *American Society for Environmental History* - e um periódico - a revista *Environmental History* -, tem por objetivo principal “colocar a natureza na história”, segundo palavras de William Cronon (1995, p10).

Segundo Donald Worster (1991, p.198), até pouco tempo, o assunto tradicionalmente importante para os historiadores era a política e, conseqüentemente, o único campo que merecia interesse era o Estado nacional. Ou seja, a história sempre dedicou sua atenção a temas relacionados com o funcionamento das instituições formadoras dos Estados nacionais. Mas, há algum tempo esse conceito da história começou a perder terreno, na medida em que o mundo evoluía para um ponto de vista “mais global”. Os historiadores começaram a abandonar um pouco da sua certeza de que o passado tenha sido tão integralmente controlado ou representado por alguns poucos homens ou determinado tão somente por interesses de Estado. Os estudiosos começaram a desenterrar camadas longamente submersas das vidas e pensamentos das pessoas comuns, e tentaram reconceituar a história “de baixo para cima” (Worster, 1991, p. 200), valorizando cada vez mais conceitos como “território”, “territorialidades”, enfim aproximando-se de categorias até hoje tão próprias da geografia.

É uma “nova” forma de se estudar as relações entre homem e natureza, que considera a terra (o meio ambiente) como um agente e uma presença na história do homem, servindo ainda uma análise mais global (e útil), na medida em que é certo que os fenômenos que acontecem no meio ambiente não ficam restritos às fronteiras dos Estados nacionais. E, se quisermos entendê-los e associá-los à evolução das práticas sociais, precisamos ter uma visão mais integrada do mundo, que não fique restrita às fronteiras políticas.

Se Worster indica, como vimos, que esta disciplina “trata do papel e do lugar da natureza na vida humana”, lembra ainda que esta “nova história” encontra

seu principal tema de estudo na esfera “não-humana”. Ou seja, em tudo aquilo que não é construído pelo humano (e que normalmente chamamos de “natureza”) mas que exerce influência sobre a vida humana. Aquelas “energias autônomas que não derivam de nós”, mas que “interferem na vida humana, estimulando algumas reações, algumas defesas, algumas ambições” (Worster, 1991).

Haveria três níveis de funcionamento na história ambiental, ou, se preferirmos, três grandes conjuntos de questões:

1. Aquele que trata do **entendimento da natureza propriamente dita** – seus aspectos orgânicos e inorgânicos, formadores de uma “história natural”. Existiria sempre a perspectiva de se começar os estudos em história ambiental com a apresentação do passado das paisagens que serão estudadas. É neste nível, diríamos, que a Geografia Física mais tem a contribuir nos trabalhos em História Ambiental.

2. O segundo nível de investigação trata do **domínio sócio-econômico**, na medida em que este interage com o ambiente – ferramentas de trabalho, modos de produção, relações sociais, instituições, decisões ambientais – ou seja, está incluído neste nível o estudo do poder de tomada de decisão de uma dada sociedade, inclusive as decisões econômicas e políticas referentes ao meio ambiente. (“Grande parte da história ambiental se dedica justamente a examinar essas mudanças, voluntárias ou forçadas, nos modos de subsistência e suas implicações para as pessoas e para a terra.” (Worster, 1991, p.207)

3. O terceiro nível cuida de um tipo de interação “mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo, com a natureza.” (Worster, 1991. p.202). Seria aquilo que Turner (1990) chamou de uma “história espiritual” que um povo tem com seu território. É o nível da *memória*, da *cultura* (“... a natureza não é uma idéia, mas muitas idéias, significados, pensamentos, sentimentos, empilhados uns sobre os outros, freqüentemente da forma menos sistemática possível.” (Worster, 1991, p.210)

Longe de um “determinismo ambiental”, pode-se ver que a história ambiental é uma história que inclui a natureza como *objeto*, mas também como *resultante* de processos engendrados pelo homem e pela evolução natural da área, ou seja, a paisagem. (Worster, 1991, p.212). Vejamos alguns exemplos do que estudam alguns historiadores ambientais.

William Cronon, um dos mais ativos participantes do “grupo fundador” da História ambiental” nos Estados Unidos nos mostra “*como é importante refletirmos sobre a natureza e sobre nossas relações físicas complexas com o mundo natural*”, pois...

...a natureza que carregamos dentro nós é tão importante quanto a natureza que nos cerca, porque a natureza que está dentro de nós é com certeza o motor que dirige nossas interações com a natureza física, neste contínuo processo de transformação homem / natureza. (Cronon, 1995, p.11)

O que nos traz à lembrança a tese presente na obra *Paisagem e Memória*, de Simon Shama (1996):

Estamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente... Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha. (Shama, 1996, p.8)

O terceiro “grupo de questões”, apontado por Worster e analisado acima, nos lembra que a História Ambiental incorpora um elemento de análise bastante raro nas demais ciências ambientais: a construção imaginária da natureza pelo homem. Este fato não deveria se repetir entre os geógrafos “físicos” (que, muitas vezes, atribuem o estudo do imaginário, da memória e das idéias apenas aos geógrafos “humanos”), pois até mesmo o ato de escolher de privilegiar regiões e temas de estudo tem origem nas raízes de nossas idéias sobre o mundo natural.

Nos Estados Unidos, a história ambiental tem como base, ainda, a história da conservação ambiental. E isto fica claro se observarmos que, em uma de suas atuais linhas de pesquisa, William Cronon se preocupa em decifrar “como as comunidades humanas modificam as paisagens em que vivem e como as pessoas

ao redor são afetadas pelas mudanças ocorridas nas condições geológicas, climatológicas, epidemiológicas e ecológicas” (Cronon, 1995, p.20). E lembra que:

...o não uso, ou seja, a natureza intocável não é uma opção: viver na natureza é usá-la e transformá-la com a nossa presença. A escolha que nós fazemos não deve ser a de não deixar nenhuma marca, que é impossível, mas sim quais tipos de marcas nós desejamos deixar.

Em sua obra, o mesmo autor nos dá algumas pistas importantes para a apreensão e compreensão dos objetos e objetivos da história ambiental e que podemos reconhecer também algumas palavras-chave para uma melhor apreensão do que seja história ambiental: natureza, marcas, paisagem, valores, ética, antropocentrismo, sonhos, medos, mito, religião, história – todas elas denotam elementos imprescindíveis para a construção de uma história ambiental. E estas palavras-chave se reforçam na obra de muitos outros historiadores ambientais. A título de exemplo, vejamos algumas idéias presentes nas obras de Worster e Turner.

Também considerado fundador do tema, Donald Worster começou a estudar história ambiental a partir de seu grande trabalho em história das idéias ecológicas, *Nature's Economy*, publicado em 1977. Neste trabalho acadêmico, o autor fez uma tentativa consciente de “colocar a ciência dentro da história - a história das pessoas, sociedades, culturas e economias” - e inaugura uma investigação sobre a “ecologia do passado”, ou seja, revê a origem da evolução, discute as teorias evolucionistas e mostra como essas idéias transformaram nossa maneira não só de ver a natureza, mas de nos relacionarmos com ela. Sua pesquisa defende ainda a idéia de que, desde o século XVIII, o ocidente foi dividido em duas partes opostas – uma dedicada ao pensamento livre, à pesquisa por valores, ordem e propósitos na vida, e, outra, à ênfase na dominação da natureza e na devastação da mesma. Essa dicotomia, crê o autor, levou à alienação espiritual das pessoas em relação à natureza. Enfim, *Nature's economy* tenta mostrar a maneira através da qual os descobrimentos biológicos se refletem nos valores culturais. Baseando-se em temas como a relação entre ciência e

cultura, Worster, em 1984, escreveu *History as Natural History*, onde estabelece uma nova perspectiva para a recém-criada história ambiental.

Frederick Turner talvez seja um dos poucos historiadores ambientais cuja obra mais expressiva foi traduzida no Brasil. Trata-se do autor de *O Espírito Ocidental contra a Natureza: Mito, História e Terras Selvagens* (1990). Nas palavras do autor reside todo o conjunto de idéias e interesses que fundam este campo do conhecimento, no momento em que Turner define sua obra como um “ensaio de história espiritual”. Ele parte do princípio que “o Ocidente cristão trocou o mito pela história como forma de entender a vida”, encontrando aí as raízes mais profundas do confronto entre europeus e os povos nativos da América no que concerne às suas concepções sobre a natureza selvagem. Mostra como as religiões históricas originadas no Velho Testamento dessacralizaram o mundo natural e desenvolveram ódio profundo pela natureza jamais tocada pelo trabalho do homem. Essa obra talvez seja o exemplo mais concreto que poderíamos encontrar daquilo que queremos definir como história espiritual (um conjunto de memória, sentimentos, religião, imaginário coletivo, cultura e sentimento de pertencimento).

4 - Estabelecendo relações entre a Geografia e a História Ambiental

A História Ambiental tem, no entanto, se desenvolvido em ritmo e importância diversos, em diferentes países do mundo, e trabalhos acadêmicos que evidenciem suas relações com a Geografia são quase inexistentes. Por isso, gostaríamos de destacar algumas características que poderão ser muito úteis quando da realização de futuros trabalhos unindo estas duas disciplinas.

Tentando estabelecer interesses e temas comuns, poderíamos reforçar a tese de que, a princípio, os três níveis de questões apontadas pela História Ambiental têm relação direta com os objetos da Geografia em geral e seus temas mais recorrentes - o entendimento da natureza propriamente dita; o domínio sócio-econômico, que dá origem às técnicas, às ferramentas de trabalho, aos modos de produção, às relações sociais, às instituições e às decisões ambientais; e a

²⁹
Artigo encaminhado para publicação em 10 de dezembro de 2007. Artigo aceito para publicação em 10 de janeiro de 2008.
Inês Aguiar de Freitas. *História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão*. Geo UERJ - Ano 9, nº 17, vol. 2, 2º semestre de 2007.

percepção, ideologia, memória, valores e idéias que as pessoas têm da natureza e de seu território. Tais semelhanças são percebidas até mesmo por aqueles estudiosos não diretamente ligados à Geografia. Assim, não é por acaso que em Drummond, um cientista político que vem contribuindo com publicações e traduções para a divulgação da História Ambiental no Brasil, encontramos alguns pontos para relacioná-la com nossa disciplina (Drummond, 1997):

- A primeira característica é a de que quase todas as análises realizadas em História Ambiental, até agora, focalizam uma região geográfica com algum grau de homogeneidade natural. (Não seria coincidência pensarmos na “região natural” quase sinônimo da “região geográfica”, categoria/objeto da geografia presente em quase todos os momentos do pensamento geográfico.)

- Uma segunda característica dos estudos da História Ambiental, também peculiar à Geografia, é o seu diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais aplicáveis ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas.

- A terceira característica da História Ambiental é explorar as interações entre o quadro de recursos úteis e os diferentes estilos ou níveis civilizatórios das sociedades humanas. (“Em todo e qualquer lugar, a natureza oferece aos humanos que ali vivem um conjunto flexível, mas limitado, de possibilidades de se manterem vivos.” (Worster, 1991, p.206)

- Uma quarta característica é a grande variedade de fontes. Os historiadores ambientais usam fontes tradicionais da história social e econômica. Aqui, os relatos de viajantes, exploradores e cientistas europeus que se expandiram pelo globo, a partir do século XV, assim como autores do passado são fontes fundamentais. (Fontes que sempre alimentaram os trabalhos em geografia e que assistem, hoje, a um grande resgate, como é o caso de Alberto Lamego, autor sempre presente entre as fontes primárias e essenciais nos trabalhos em geografia do Rio de Janeiro).

- A quinta e última característica da História Ambiental seria o trabalho de campo. Ponto também fundamental da prática geográfica em todos os tempos.

Apesar de críticas às quais podem ser submetidas as características acima, devemos considerá-las como elementos de aproximação entre História Ambiental e Geografia e devem servir de incentivo à criação de linhas de pesquisa que reúnam estas e outras disciplinas, em busca da construção de uma metadisciplina.

5 - Considerações finais

Muitos seriam os exemplos das relações, ou, melhor dizendo, das conexões que poderíamos demonstrar entre a Geografia e a História Ambiental. Vimos que a História Ambiental é, em resumo, parte de um esforço para tornar a disciplina da história muito mais aberta à inclusão do elemento “natureza” nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido, mas que, acima de tudo, a História Ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “super-natural”, de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. (Worster, 1991, p.213) E aí talvez resida o ponto fundamental que liga a História Ambiental à Geografia: ambas encaram o homem como transformador do meio ambiente, mas sabem que essas transformações sofrem restrições do ambiente físico. Sem qualquer referência a um determinismo ambiental, o que se quer é deixar claro que, apesar de toda a cultura e tecnologia humanas, o homem ainda está sujeito, mesmo que em porções mínimas, às restrições naturais. (O que nos remete, imediatamente, às idéias fundadoras da geografia como ciência – especialmente as de Ratzel e Vidal de La Blache - no início do século XX.).

Hoje, no Brasil, diferente de outras regiões no mundo, o campo da História Ambiental ainda não é facilmente reconhecível, por isso, cremos que os geógrafos não podem desprezar uma disciplina, oriunda da história, que tem a natureza como objeto, vendo-a como resultante dos *processos naturais* aliados aos *processos engendrados pelo homem*. Afinal,

As civilizações... sempre podem localizar-se num mapa. Uma parte essencial de sua realidade depende das restrições ou das vantagens de sua localização geográfica... Falar de civilização é falar de espaços, terras, relevos, climas, vegetações, espécies animais, vantagens dadas ou adquiridas. (Braudel, 1988, p.31)

¹ Professora Adjunta do Departamento de Geografia Humana da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Geografia pela Université de Paris IV – La Sorbonne. Hfreitasines@bol.com.br

Referências

BRAUDEL, Fernand. A gramática das civilizações. São Paulo: Campus, 1988.

CAPRA, Fritjov. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e educação no cenário do pensamento complexo e interdisciplinar. In *Boletim Goiano de Geografia*, Vol.22, n. 2, Jul/Dez 2002. p. 123-136.

CRONON, William The Trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature, in *Environmental History*, Jan. 1995, pp. 7-28.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.4, n.8,1991, p.177-197.

DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997.

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia, *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*, João Pessoa, 2002.a

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia na obra de Alberto Lamago, *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*, João Pessoa, 2002.b

FREITAS, Inês Aguiar de. A Geografia na construção de uma História Ambiental brasileira. *Boletim Goiano de Geografia*, Vol.22, n. 2, Jul/Dez 2002.c. p. 155-168.

GLACKEN, C. *Traces on the Rhodian Shore: Nature and Culture in Western Thought from Ancient Times to the End of the Eighteenth Century*. University of California Press, Berkeley. Los Angeles, Londres, 1990.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TURNER, Frederick. *O Espírito Ocidental contra a Natureza: Mito, História e Terras selvagens*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.4, n.8,1991, p.198-215.